

Sociedade da Informação e Liberdade de Conhecimento

A sociedade hoje vive uma condição que os técnicos chamam de Era, ou Sociedade, da Informação. Isto porque grande parte dos produtos e processos que circulam dependem de patentes, de licenças, de pagamentos e negócios comerciais para garantir sua legalidade e sua devida aplicação. Então muitas empresas, principalmente de grande porte, investem em pesquisa de determinado produto ou processo de produção para, uma vez desenvolvido esse, patentear o mesmo, aplicar restrições de utilização e garantir ganhos, ou seja, garantir lucros para a própria empresa. Além disto, os profissionais hoje dependem de muita tecnologia para dar conta de suas tarefas, pois a troca de informações entre colegas, a formação profissional permanente, a adoção de novas tecnologias e processos exige intercâmbio permanente. O assunto levou a ONU (Organização das Nações Unidas) a realizar encontros mundiais e definir metas para que todos os povos pudessem usufruir das vantagens dessa era, dizia a ONU, sem aumentar a diferença entre países ricos e pobres, entre nações poderosas e miseráveis. Criou depois um grupo de trabalho (UNGIS) para implementar as medidas adotadas.

No contexto em que vivemos, portanto, o Software Livre desempenha um papel de destaque, pois ele proporciona uma solidariedade e cooperação entre pessoas e nações que não tem reflexo no mundo das patentes. O software livre permite que qualquer interessado aprenda, observando como determinado problema foi resolvido. Ele compartilha a solução, sem ninguém precisar pagar para olhar. Também permite que qualquer interessado utilize o código, pois essa é uma condição para que ele seja software livre. Então uma solução encontrada para um problema pode ser livremente adotada por qualquer equipe ou usuário em qualquer lugar do mundo, qualquer que seja sua raça, sua religião, sua preferência sexual, sua idade ou sua opção ideológica. O software livre também permite que comunidades locais se desenvolvam comercialmente, pois ninguém fica dependente de uma empresa lá do polo norte que desenvolveu uma solução brilhante para os sinetes das renas de Papai Noel. Se a solução existe em software livre, profissionais locais podem trabalhar utilizando a solução para implantá-la, melhorá-la, adaptá-la ou mesmo modificá-la, sem com isto infringir qualquer patente ou lei. O conhecimento e seu desenvolvimento são livres, promovendo melhorias para toda a comunidade e não só para um grupo de capitalistas.

Na história da humanidade, já houve períodos em que o conhecimento também era livre. Para traçar rapidamente uma linha histórica, considere-se a evolução da espécie humana. É relativamente aceito que há uns 500 mil anos atrás nossos ancestrais conseguiram dominar o fogo, primeira grande conquista tecnológica da humanidade. Antes já haviam populações que utilizavam pedras, ossos, varas e etc como instrumentos e ferramentas. Entretanto, nada significativo como o domínio do fogo. Também por essa época eles conseguiram articular a palavra, algo além de grunhidos e gritos assustadores mas sem significado específico. Então “fogo”, “água”, “terra”, “lua”, “onça” passaram a ter significado, e uns entendiam exatamente a que elementos os outros estavam se referindo.

A evolução continuou, mas outros aspectos significativos só foram registrados, pelo menos segundo os historiadores, há uns 12 mil anos atrás. Um desses aspectos foi a adoção da agricultura, que permitiu às populações fixarem-se em determinado lugar, pois até então era necessário, em função da pesca, caça e coleta silvestres, buscar novos sítios a cada vez em que a alimentação escasseava onde viviam. E aí ocorre o que muitos consideram a maior invenção tecnológica da humanidade: a roda. Utilizando a roda, inúmeras novas conquistas foram alcançadas pelos povos.

Outro avanço significativo ocorrido logo após (considerando-se os 500 mil anos atrás...) foi a escrita. Até então, toda tradição e conhecimento eram transmitidos verbalmente, e não havia registros de fatos, leis, cerimônias, técnicas a não ser verbais. Com a escrita, seja em blocos de argila seca, em pedras, em pergaminhos ou outros, tem início o registro escrito de aspectos importantes que a sociedade vivia, tais como leis, cerimônias, eventos, técnicas, etc. Alegam os historiadores que aí começa o que se pode chamar de

história! Embora haja evidências de que há cerca de seis a oito mil anos atrás já houvesse tais registros entre povos da China (na Ásia) e dos maias (nas Américas) a maioria dos estudiosos aponta a região entre os rios Tigre e Eufrates, onde hoje se situam o Irã e o Iraque, como ponto de início da história humana. Para atrás seria pré-história...

As técnicas e melhorias encontradas pelos humanos desde tais tempos, no entanto, não se aplicavam somente para o bem-estar. Muitos recursos passaram a ser aplicados em guerras, em conquistas de povos por outros povos, em processos que desencadeavam destruição e morte. De fato, já desde os nossos – considerados – ancestrais como os chimpanzés, os orangotangos e os gorilas se veem disputas e contendas por domínio sobre um grupo ou sobre um território. Tais tendências bélicas não são exclusivas dos humanos.

A espiral evolutiva ascendia. Entretanto, até meados do segundo milênio DC, não havia restrição significativa ao uso de invenções e descobertas por qualquer interessado. Mas lá pelo século XIV DC, há registros de leis atribuindo uso exclusivo de produto por determinado estabelecimento e direito de exploração de certa tecnologia ou de certo território. É nesse tempo que descobertas e invenções começam a ser apropriadas por grupos para exploração econômica, não se permitindo que seus benefícios sejam utilizados livremente por toda a humanidade. Poucos séculos depois já surgem também as patentes, restringindo uso e aplicação de descobertas e invenções.

O computador foi uma conquista da humanidade já em pleno século XX. Antes haviam acontecido as conquistas do motor a vapor, motor a explosão, transmissão e uso da energia elétrica, e havia evoluído excepcionalmente a tecnologia que permitia a larga aplicação das telecomunicações: telégrafo, telefone, rádio e logo depois a televisão. Esse século trouxe também a conquista da energia nuclear, com toda a sua potencialidade de realização mas também de destruição. O século XX viu ainda os extremos da índole humana, com a utilização das conquistas tecnológicas para o bem e para o mal: duas guerras mundiais marcaram a primeira metade do século, sendo a segunda guerra o cúmulo de atrocidades e violência. Todos conhecem a barbárie nazista, porém poucos conhecem a “vingança” dos aliados. O Japão teve duas cidades de seu território (e suas populações civis) deliberadamente aniquiladas por bombas atômicas cujo objetivo foi principalmente testar seus efeitos ainda desconhecidos! Em Berlim, ao fim da guerra, todas as mulheres foram violentadas pelos exércitos de ocupação, provocando suicídios e desestruturas além do que a guerra já havia provocado! Na Itália, o histórico Mosteiro de São Benedito, em Monte Cassino, foi totalmente destruído por bombardeio, sob alegação de que abrigava nazistas! Estes são apenas alguns exemplos...

Mas chegamos aos dias de hoje, com a evolução dos computadores, da medicina, da nanotecnologia, e a informática é responsável pela operação de boa parte dos recursos que utilizamos: computadores, carros, aviões, televisores, jogos (games), celulares, Internet – para ficar só no começo da lista! E a humanidade pode escolher se prefere se submeter ao domínio de empresas e grupos econômicos que ditam por onde seguir a evolução – obviamente conduzindo por caminhos dos grandes lucros – ou se escolhe os caminhos da liberdade, tal como apontado pelo software livre, onde a solidariedade e a cooperação são pontos sólidos para o crescimento de todos e o bem-estar das sociedades, sem restrições de qualquer tipo. A escolha também cabe a nós!